

“QUAL O MEU NORTE?”: PROJETO DE EXTENSÃO DO INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL/DOURADOS/MS/BRASIL

MsC. Larissa Cristina Brandão Cardoso

Todas as pessoas detêm uma cartografia social e pessoal, sendo que essa cartografia é formada a partir da ontologia do espaço e do convívio social. O ser constrói o espaço e o espaço o constrói, tendo em vista uma coexistência. A partir dessa relação, há de se destacar o quanto essa relação coexistente contribui para como o ser percebe o mundo e percebe a si mesmo. Este trabalho expõe os resultados, conclusões e análises dos mapas mentais do projeto de extensão “Qual o meu norte?” do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul – *Campus* Dourados, o qual traçou cartografias pessoais e sociais, compreendeu como o espaço constrói a percepção espacial e do ser de si mesmo, e, potencializou o empoderamento de vinte mulheres participantes que fazem parte do Estabelecimento Penal Feminino de Regime Semiaberto, Aberto e Assistência à Albergada de Dourados-MS. O curso contou com quatro encontros, o primeiro consistiu de um conhecimento prévio das participantes no formato de roda de conversa e apresentação acerca dos mapas mentais enquanto reveladores da relação espacial e social. O segundo encontro se efetivou na confecção dos mapas mentais e uma dinâmica. Posteriormente, transcorreu a troca de mapas mentais e interpretação a partir da Metodologia Kozel do mapa da outra para compreender o social e espacial, e como cada uma se vê nessa dialética. O encontro final foi composto pela apresentação de interpretações dos mapas mentais. Destarte, diante do material que foi construído pelas participantes é possível perceber cartografias pessoais que resultam em uma cartografia social do grupo com relação ao espaço, e para com as outras pessoas. Conclui-se que a cartografia social das participantes demonstrou a reprodução de um imaginário cultural quando se apresentou desenhos clássicos de Sol sorrindo, nuvens, pássaros, plantas e casas com chaminés, todos desenhados por elementos geométricos. Ao desenhar a casa, deixavam bem claro que a casa não seria ali onde estão, mas sim onde suas famílias moram, o que demonstra elementos humanos, pois a família também foi representada. E a casa da família remete a um sentimento de pertencimento e positivo, sendo assim o espaço em que estão é um espaço transitório e não há pertencimento para com ele. Outros elementos representados também foram importantes para traçar as cartografias pessoais, como um carro na garagem, a rede na sombra de árvores, a cama, praia, horta, gravidez, doença na família, a BR 163-262 e a pick-up dos sonhos. Estes desenhos demonstram objetos, situações e agenciamentos que também constitui a ontologia espacial e o convívio espacial. Tudo isso coopera para como o ser se percebe e percebe o seu espaço.

Cartografias pessoal e social; Espaço; Ontologia; Mapa Mental.

Preparo do terreno e solo da horta

O ser humano conhece o espaço pelas vivências que partem da relação. A relação com o espaço promove concepções, aprendizados e sentidos que não consta em uma ideia a ser pensada e analisada de forma trivial, mas que em contraponto,

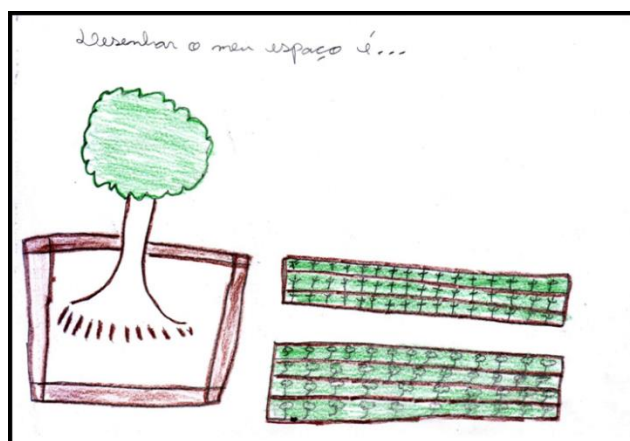
acontece por meio do cotidiano ao saber o caminho do mercado, de casa, da escola do filho, como o gosto ou o não gostar por certo espaço ou caminho. Destarte, o mapa mental se constitui do espaço concreto, e a representação pode ser de um espaço em que se teve ou tem uma experiência.

Tal temática foi abordada no projeto de extensão “Qual o meu norte?”, que a priori surgiu do acordo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul – *Campus* Dourados (IFMS) para com Estabelecimento Penal Feminino de Regime Semiaberto, Aberto e Assistência à Albergada de Dourados-MS (AGEPEN) em promover cursos de curta duração para as mulheres que estão em regime fechado e semiaberto. E este escrito se constitui do resultado, conclusão e análise dos mapas mentais das participantes (os quais serão chamadas de mulheres no decorrer do artigo) do projeto.

O projeto foi planejado pela professora de Geografia, autora deste, para corresponder à concepção do *campus*, e desta maneira surgiu a ideia de fazer o uso do mapa mental. O mapa mental constitui-se de uma cartografia subversiva, porém com mérito para entender a relação do ser com o espaço, logo perceber a si mesmo e por meio de tal mecanismo traçar diálogos espaciais e que transcendem da relação de espaço, assim, subjetivamente seria dada a voz às mulheres para lembrar-se de suas vivências e gostos atuais.

Um grupo de servidores do IFMS fez diversas visitas na AGEPEN, o qual se apresentou o espaço físico e estrutural da instituição, em uma das visitas a autora deste projeto estava presente e foi apresentado um espaço dentro da instituição que causa muito orgulho aos gestores e às mulheres, este espaço é a horta que ocupa um espaço maior que a própria instituição. Foi perceptível que a horta é um elemento de destaque por empregar pessoas e trazer renda para a instituição, e, além disto, compõe um espaço que causa um bemfazer às moradoras, e foi desenhado na atividade do projeto conforme a Figura 1.

Figura 1 – Desenho da horta



Fonte: mapa mental feito por mulher participante do projeto.

Atentando-se a este detalhe da horta, o artigo está organizado em etapas e faz uma analogia ao feitiço de uma horta, os quais revelam como o projeto foi executado e as interpretações feitas a partir do material que se obteve após execução do projeto. A introdução denominada em “Preparo do terreno e solo da horta” que contextualiza do que se trata o projeto. O “Plantio” explica a metodologia, a execução do projeto, como ocorreu, enquanto que o “Acompanhamento do desenvolvimento” se constitui da mescla de uma discussão teórica com a análise dos mapas mentais e a última etapa rediscuti algumas concepções e resultados como “Colhendo frutos”. Apresentar-se-á doravante o plantio.

Plantio

A proposta e a metodologia do curso foram apresentadas para a direção do IFMS, e com a aprovação foi exposto à diretora da AGEPEN, e então o projeto teve aval para ser executado nos recintos da AGEPEN no período noturno.

Vinte mulheres participaram dos quatro encontros previstos no projeto, o qual, o primeiro encontro ocorreu com uma roda de conversa para o conhecimento prévio das mulheres e da professora, e posteriormente foram apresentadas algumas perspectivas a respeito dos mapas mentais enquanto reveladores da relação espacial e social. O segundo encontro se efetivou na confecção dos mapas mentais, e após houve um momento de descontração com uma dinâmica que reflexionava a respeito da interação entre as participantes. Adiante, no terceiro encontro, houve uma contextualização acerca da “Metodologia Kozel” (KOZEL, 2007) para análise dos mapas mentais, assim as participantes receberam o mapa mental de outra para aplicar a metodologia analítica e depois apresentaram a interpretação para com o mapa mental de outra participante. Na finalização foi feita uma apresentação de todos os mapas mentais a partir da interpretação de diversas pessoas, o que cada desenho revela e o que o conjunto de desenhos possibilita demonstrar.

As etapas para análise dos mapas mentais foram apresentadas de forma simplificada para corresponder com o processo cognitivo de todas. Foram quatro etapas, a primeira com atento à forma de representação dos elementos na imagem, a segunda para a forma de distribuição dos elementos. A terceira conforme a especificidade dos ícones e a última que abre precedentes para outras possíveis mensagens, ideias e particularidades da representação, conforme proposto por Kozel (2007).

O curso em si pretendeu traçar cartografias pessoais e sociais da relação das mulheres participantes com o espaço. Sobretudo de pensar em como a relação do ser com espaço contribui para tal percepção deste e de si próprio. O curso subjetivamente pensou em potencializar o empoderamento das participantes, assim como atenção para a relação espacial.

Este artigo foi elaborado da reunião do projeto e do relatório do projeto, e

também das anotações esporádicas em duas cardenetas acerca do andamento do projeto que se constituiu de um aprendizado mútuo, assim espera-se. A discussão teórica e com o resultado dos mapas mentais está apresentado adiante.

Acompanhamento do desenvolvimento

Um mapa é uma representação produzida pelo ser humano, o qual passou por um processo de codificação a partir do que o ser conhece, imagina e lembra por meio de sua consciência. É também por meio da consciência que ocorre a decodificação, que seria a leitura do que foi codificado no mapa. A consciência codifica os elementos do real, isto é representa-o, o lugar em que o ser se encontra, pois:

Simultaneamente através dos cinco sentidos e da mente, as pessoas percebem o espaço a sua volta e interagem com ele (tornam-se conscientes dele). A percepção se desenvolve como resposta desses sentidos aos estímulos externos e fornece à pessoa conhecimentos imediatos a respeito do que a cerca (TUAN, 1980). A apreensão sensível, imediata de mundo, refere-se ao sentido, mas para que este se torne um significado ou conceito é preciso à reincidência de uma série de experiências regulares e retroativas (LIMA, 2007) (MALANSKI; KOZEL, 2015, p. 156).

O conhecimento acerca do espaço corresponde ao processo cognitivo do ser, e também aos conhecimentos adquiridos por meio da relação espacial que denotam “significado” e o “conceito” para cada ser, mesmo não constituindo ciência, mas uma percepção espacial. Há diferentes formas de representação, entre tais formas existe a cartografia sistemática e geométrica (RICHTER, 2011), o qual este trabalho não se submete em discutir. Há de se pensar numa cartografia subversiva, numa concepção humanista, uma cartografia embasada na vivência do cotidiano, para além das convenções oficiais, porque:

[...], conforme Seemann, é uma cartografia subversiva, contra-mapeamento ou, ainda, mapa não convencional, pois se baseia em concepções pessoais do espaço e comumente funde a linguagem cartográfica com a expressão artística (MALANSKI; KOZEL, 2015, p.160).

Com isto, o mapa mental configura um meio cartográfico por consistir num entendimento acerca da representação espacial, e foi assim que se objetivou perceber a relação espacial das participantes do projeto, entendendo-se que:

Mapear é de uma ou outra maneira tomar a medida do mundo, porém mais do que meramente toma-la, figurando a medida tomada em tal maneira que possa ser comunicada

entre pessoas, lugares e tempos. A mediação do mapeamento não é restrita ao matemático, ela é igualmente pode ser espiritual, política ou moral. Pelo mesmo sinal, o registro do mapeamento não é confinado ao que é para arquivar, mas também inclui o que é lembrado, imaginado, contemplado. O mundo figurado através do mapeamento assim pode ser material ou imaterial, existente ou desejado, inteiro ou em partes, experimentado, lembrado ou projetado em várias maneiras. (COSGROVE, 1999 apud KOZEL, 2007, p. 116).

As subjetividades vêm da consciência, do processo cognitivo do ser, em como absorve as informações, codifica-as e, como fica em sua mente, todo entendimento pode se tornar mapas. Os mapas mentais contrapõem a discussão inteiramente geométrica das representações espaciais. Assim, conforme apontado na citação anterior, os sentidos sinestésicos são múltiplos para projetar o que se deseja “arquivar”, mas também o que é “lembrado”, “imaginado”, “contemplado”, além das vivências, por meio do cotidiano no espaço. Esse entendimento aponta que “[...] a construção mental de uma imagem é proveniente da cognição associada à bagagem cultural (experiências, valores, informações etc)” (KOZEL, 2007, p. 120-121). E mais, Kozel aduz que:

As representações provenientes das imagens mentais não existem dissociadas do processo de leitura que se faz do mundo. E nesse aspecto **os mapas mentais são considerados uma representação do mundo real visto através do olhar particular de um ser humano**, passando pelo aporte cognitivo, pela visão de mundo e intencionalidades. **A imagem de algo reflete uma construção simbólica** (2007, p.121, grifos da autora).

E para ratificar tal percepção, os mapas mentais aqui apresentados demonstrarão o quanto a realidade pode ser representada, assim como lembranças e o imaginado. Além do que há a reprodução de sentimentos em que estão interligados a vivência em um espaço. O que foi percebido desenhos das participantes é que todas as pessoas detêm uma cartografia pessoal e social, sendo que essa cartografia é formada a partir da ontologia do espaço e do convívio social. O ser constrói o espaço e o espaço o constrói, tendo em vista uma coexistência. A partir dessa relação, há de se destacar o quanto essa relação coexistente contribui para como o ser percebe o mundo e percebe a si mesmo. Destarte, o projeto pretendeu traçar cartografias pessoais e sociais da relação das mulheres participantes com o espaço. Sobretudo de pensar em como a relação do ser com espaço contribui para tal percepção desse e de si próprio.

A começar a discutir por meio dos mapas mentais, algo notório nos desenhos

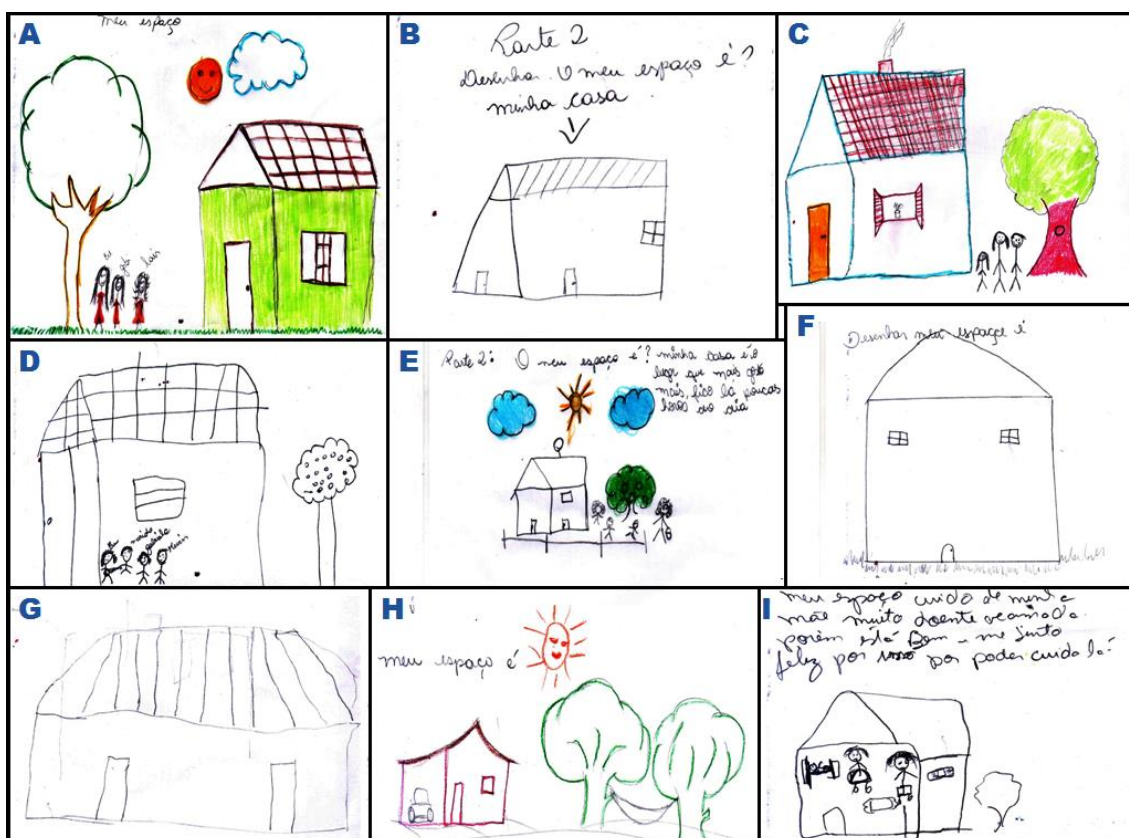
das participantes foi que o espaço considerado como o seu não se constitui pelo lugar que estão ou que passam a maior parte do tempo, mas sim um espaço dotado de relações afetivas, como percebido na Figura 2. Há desenhos na Figura 2 (como o A, C, D, E e I) em que demonstram menções à “elementos humanos” (KOZEL, 2007) enquanto relações com os entes queridos e isto foi importante de ser representando ao tratar o seu espaço. Tal perspectiva importa para Geografia assim como para a discussão de espaço, pois, não importou demonstrar somente elementos construídos, estáticos e móveis, mas também, as outras sensações e relações existentes no espaço.

Outra perspectiva a ser destacada na Figura 2 se constitui de alguns elementos culturais presentes na representação, como o Sol (desenhos A e H) com características humanas, como o rosto (Sol sorridente). Outro aspecto consiste na casa desenhada por meio de ícones geométricos presente na maior parte dos mapas mentais. Há de se destacar também (no desenho C) a representação de uma chaminé que consiste em um elemento clássico em ser retratado em desenhos de casa, mas que ao mesmo tempo não faz parte da realidade local. Tal comportamento pode ser explicado pelas influências de outros lugares ou de outras culturas/costumes a respeito da que a participante faz parte e têm.

A presença de elementos textuais encorpa o mapa mental para expressar algumas percepções da autora, análogo aos desenhos A, B, D, E, F, H e I. Um destaque interessante seria nos mapas E e I, consecutivamente está escrito, “[...] minha casa é o lugar que mais gosto mais, fico lá poucas horas do dia” e “meu espaço cuida da minha mãe muito doente acamada porém está bem e me sinto feliz por isso por poder cuidar lá”. Tais escritas demonstram que o espaço para o ser transpassa de uma construção material, de forma direta e indireta, pois denotou noção de gostar e tempo.

O mapa mental enquanto identificador do real e do imaginário demonstra nuances na representação das participantes, e que, reporta no que interessou desenhar ao pensar em espaço, no seu espaço.

Figura 2 - A casa enquanto espaço



Fonte: mapas mentais das participantes do projeto. Organização: Autora.

Acerca dos mapas mentais da Figura 3 que também traz o elemento casa para exemplificar o que é o seu espaço, mas demonstra mais especificidade no desenho, pois apresenta o espaço casa correlacionado com outros espaços.

Na perspectiva do desenho A da Figura 3, os elementos representados denotam uma perspectiva de tempo passado e futuro, pois foi importante representar que o seu “espaço de antes” era amplo e do atual se restringe ao espaço de uma cozinha (esta participante está em regime fechado e trabalha na cozinha da entidade). A representação corresponde de forma idêntica para a cozinha da Agepen, como sendo o “espaço de agora”, desenhado pela participante.

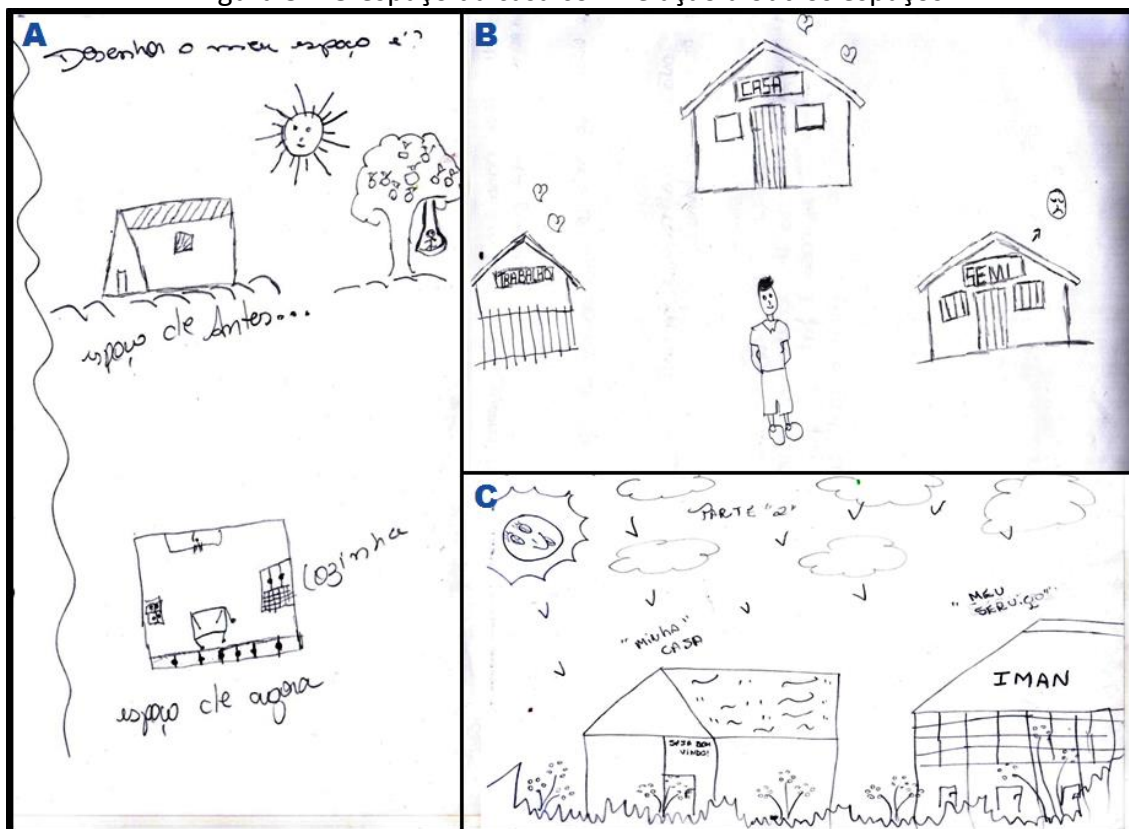
A representação B da Figura 3 também relaciona espaços, como a casa, trabalho e o Semi, além disso, importa denotar para quem lê seu mapa o seu sentimento para cada um dos espaços, pois a casa e o trabalho têm corações, enquanto que a Agepen apresenta um rosto triste. Este desenho imprime o que o espaço é a partir dos seus sentimentos para com ele. Além de se colocar no desenho, esta participante se desenha centralizada entre os espaços, podendo remeter as interações e os agenciamentos que ela faz nesses espaços.

O desenho C da Figura 3 correlaciona dois espaços “minha casa” e “meu serviço” como sendo os espaços que considera como seus. Há um destaque a se fazer com relação para a casa em que se demonstra um traço de bem estar com o “Seja bem

vindo!", fazendo analogia a um lugar receptivo em que deve se sentir bem ao estar nele.

Ambos os desenhos (Figura 3) correlacionam o espaço da casa com outros espaços, sendo espaços atuais ou que viveram anteriormente. Essa projeção de pensar o espaço demonstra um desenvolvimento da noção espacial com uma perspectiva mais ampla.

Figura 3 – O espaço da casa com relação a outros espaços



Fonte: mapas mentais das participantes do projeto. Organização: Autora.

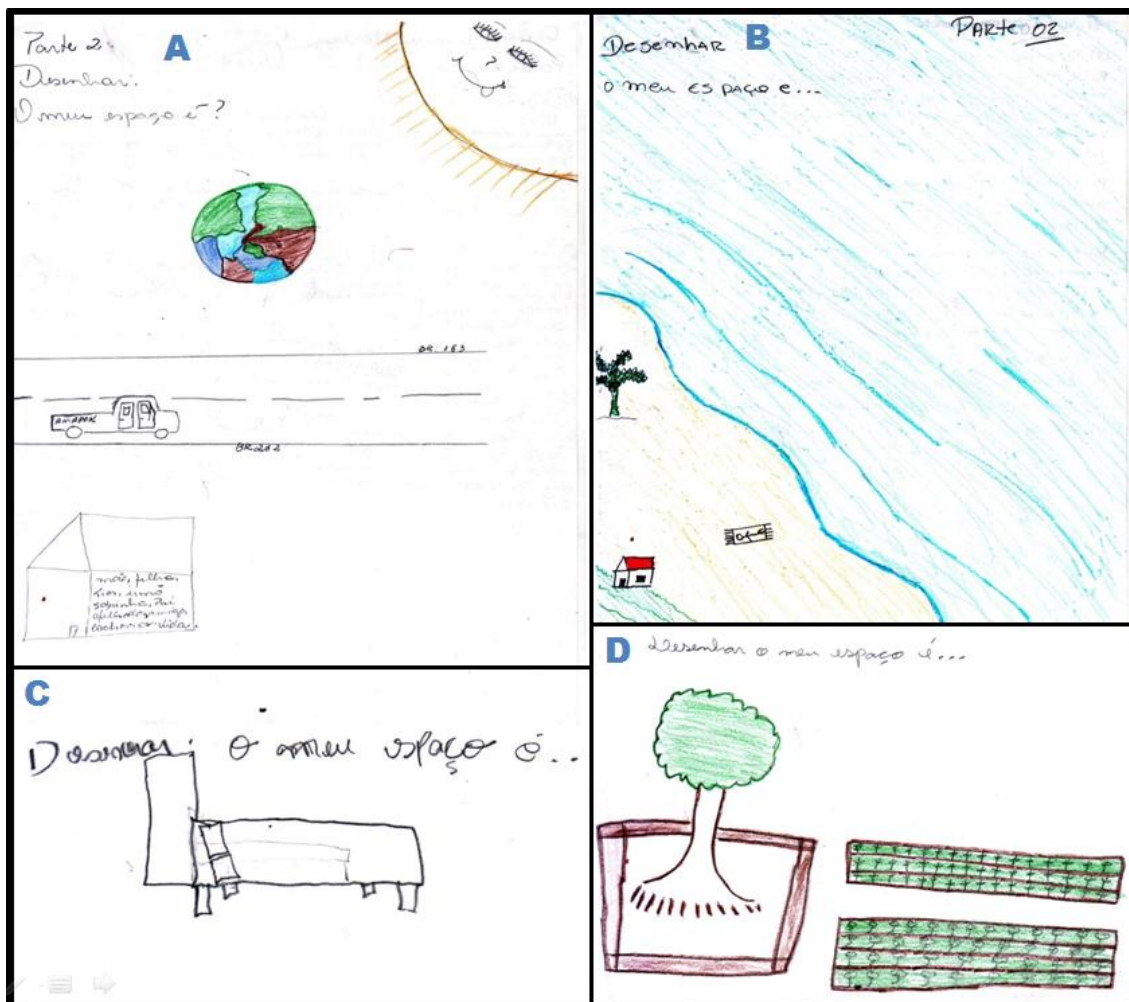
Os mapas mentais presentes na Figura 4 demonstram o pensar o espaço a partir do real e do imaginário, quem sabe algo que viveu anteriormente. Mas há de se destacar que tais desenhos fogem da perspectiva geral que foi dada nos outros desenhos em que se representou a casa como um elemento espacial em que vislumbra um sentimento de relacional.

Os desenhos C e D revelam o sentido de espaço em que não deixa de demonstrar uma consciência de sentimento, pois, a ambas participantes e autoras não tinham relação com espaços externos da AGEPEN, quando o desenho foi feito. Mediante a isto, os contextos desenhados são internos da AGEPEN, e a cama e a horta demonstram uma particularidade e espaços internos que desenvolvem um sentimento positivo naquele espaço.

Os desenhos A e B apresentam contexto em que podem se constituir do passado, assim como, pode se constituir de um imaginário em que se idealiza um

espaço atribuindo um sentimento de prazer, ou seja, um espaço que causaria bem estar ao se viver nele. Este espaço pode ser um espaço já vivido anteriormente, assim como também pode ser um ideal de se viver.

Figura 4 – Mapas Mentais das Participantes do Projeto



Fonte: mapas mentais das participantes do projeto. Organização: Autora.

Conforme observado em todo o “Acompanhando o desenvolvimento”, os desenhos são reveladores de entendimentos espaciais, o qual foi o tema de associação, pois:

O Mapa Mental é um recurso gráfico que substitui o processo convencional de anotações sob a forma de listagem. Um bom Mapa Mental mostra a “fotografia” do assunto, evidencia a importância relativa das informações ou conceitos relacionados ao tema central e suas associações [...] (ARCHELA, et al.,2004).

Estes são passíveis de diversas interpretações, conforme ocorreu no momento de troca para interpretação. A interpretação dos mapas demonstrou o quanto pode corresponder a uma construção cultural vigente, o qual é reproduzido. Também, como pensar no espaço pode remeter a relações com outras pessoas e espaços. Pensar o

espaço a partir de outros espaços. Demonstrar o gosto ou não pelo espaço. A relação e o imaginário com espaço e tempo, de espaços do passado e que podem ser do futuro.

Colhendo frutos

O potencial de um desenho e/ou do conjunto pode revelar muitos aprendizados e muitos contextos. A execução do projeto demonstrou como é possível existir espaços com sentido de lugar para as pessoas assim como pode existir espaços com sentido de não lugar, sendo um espaço de passagem e que a relação que a pessoa obtém não é nada agradável.

Assim como o sentido de lugar para um espaço pode estar correlacionado com as pessoas que estão nele, como pode mudar de espaço para espaço conforme quem está nele. E o espaço a que pertence pode estar reduzido a um objeto como a cama. Assim, os mapas mentais se tratam de uma cartografia que podem revelar muito e se constituir de uma voz que forma uma linguagem da Geografia.

Referências

ARCHELA, S. Roseli, Gratão, H.B. Lúcia e Trostdorf, S Maria. O lugar dos mapas mentais na representação do lugar. **Revista Eletrônica** – V.13, n.1, jan-jun e 2004. Londrina. Disponível no site <http://www.geo.uel.br/revista>

KOZEL, S. Mapas Mentais – Uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, S; SILVA, J. da C; GIL FILHO, S F. **Da percepção e cognição a representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem. p.114-137. 2007.

MALANSKI, L. M; KOZEL, S. **Representação do espaço escolar a partir de mapeamento coletivo**: uma abordagem da Geografia humanista. Ateliê Geográfico, Goiânia, v.9, n.2, p.154-169, ago/2015.